

# Formação de mestres e doutores: Exigências e competências<sup>1</sup>

Jorge Olímpio Bento

Universidade do Porto  
Faculdade de Desporto

## RESUMO

O avanço de uma versão da globalização, manifestamente marcada pela prevalência exclusiva das leis do mercado e dos correspondentes interesses economicistas, a crise da ética e da moral, bem como a implementação do dito Processo de Bolonha colocam às instituições universitárias graves desafios. Entre eles emerge a renovação da missão da Universidade e das relações desta com a sociedade.

A formação de quadros, nomeadamente a de mestres e doutores, deve ter em conta as preocupações suscitadas pela conjuntura normativa que estamos a viver. É nesta conformidade que são apontadas algumas competências, exigências e obrigações que devem balizar essa formação.

*Palavras-chave:* universidade, missão, ética, mestres, doutores, formação, competências, exigências.

## ABSTRACT

*Forming Masters and PhD: Demands and competences*

*The advance of a globalization version manifestly marked by the exclusive prevalence of the market laws and the relating economic interests, the ethics and moral crisis, as well as the Bologna Process implementation places to the university institutions severe challenges. Among them the renewal of the mission of University and its relations with society emerges.*

*The formation of the boards, namely of masters and PhD, must reflect the concerns caused by the normative conjuncture that we are living. It is in this conformity that some abilities, requirements and obligations are pointed that must mark out such formation.*

*Key-words:* university, mission, ethic, masters, PhD, formation, competences, demands

*Sem um fim social, o saber será a maior das futilidades.* (Gilberto Freyre)

*Para aqueles que têm apenas um martelo como ferramenta, todos os problemas parecem pregos.* (Mark Twain)

## DAS CIRCUNSTÂNCIAS E DESAFIOS

Quer o percebamos com muita ou pouca nitidez, está em curso a criação de um novo contexto para a vida e concomitantemente para a sua abordagem pela ciência e formação.

Os analistas e críticos dos efeitos perversos da globalização sustentam, de maneira enfática e sobeja, que ela está ampliando o viveiro de incertezas, medos e infortúnios pessoais, decorrentes da destruição da solidariedade e dos laços inter-humanos. A globalização trouxe à tona a “unidade da espécie humana”, traçada por Kundera, deixando claro que o bem-estar de uns nunca é inocente em relação à miséria de outros. À sedutora ideia de “sociedade aberta”, de Karl Popper, corresponde hoje a realidade aterrorizante da maioria da população infeliz e vulnerável, submetida a forças que não entende nem, muito menos, controla. A Caixa de Pandora abriu-se e expôs a humanidade aos ventos de um destino malévolos. Os mesmos críticos advertem por isso para o agravamento das pendências sociais, para o aumento e refinamento das formas de exclusão e de aviltamento da dignidade humana.<sup>2</sup>

Face a isto e a todo o monturo de imoralidade e corrupção que se ergue em nosso redor, surge a necessidade de uma *revolução axiológica*, sem quaisquer subterfúgios ou artifícios da linguagem. Ou seja, adquiram todo o carácter de urgência a retomada e a projecção de noções e conceitos do Homem e de comportamentos e estilos de vida capazes de nos tornarem mais parecidos com os ideais e utopias. A educação e todos os seus meios e instrumentos exigem ser repensados sob o primado de uma ética apostada em restabelecer e alargar os círculos da solidariedade, em diminuir as bandas da ignorância moral e do egoísmo.

Por outro lado os especialistas do devir assinalam uma intensificação do ambiente hipercompetitivo, o que já hoje é manifesto. Este fenómeno gera transformações avassaladoras, às quais nenhuma instituição

consegue escapar, seja ela uma empresa, a Universidade e a ciência. A sociedade da cultura, do conhecimento e da tecnologia desenha-se no confronto com os ditames de uma nova era, afirmando, entre outras exigências, a supremacia do saber e a criação e inovação de correspondentes padrões de trabalho. Nesta conformidade a formação, a ciência e a pesquisa ou investigação são desafiadas a reformular o seu objecto e a assumir as suas obrigações num quadro deveras complexo. Não poderão escusar-se a atender as solicitações dos diferentes campos da actividade, tanto dos antigos como dos emergentes, a tomar nota dos seus interesses e expectativas, a abeirar-se das respectivas organizações e instituições. Deverão respeitá-las e reclamar para si um respeito redobrado, o que implica guardar distância e reforçar a sua atitude e dever de independência e de vigilância crítica, sob pena de perverterem a sua missão e o seu papel. É nesta condição que participam, lado a lado com os outros parceiros, na construção de um mundo melhor, à altura das necessidades e exigências culturais do tempo, elaborando parâmetros e fornecendo referências indicadoras da via para tal projecto.

A ciência e a formação têm, pois, o ofício de apurar e lançar o olhar sobre a realidade envolvente, mas não numa posição e atitude de neutral exterioridade. Têm que se debruçar sobre o mundo, tal como ele é actualmente, por força das rápidas e profundas mutações que sofreu nos últimos anos, bem como sobre o ímpeto de modificação e evolução que o anima em direcção ao futuro. E têm que ir mais além: olhar a vida e os seus problemas, porque muitos deles aguardam e confiam numa intervenção de prevenção, remedeio e reabilitação. Enfim, desdobram-se, dia a dia, no esforço de reinventar e fabricar novas palavras, ideias e teorias, encorajando pessoas e organizações a servir-se delas. Os seus protagonistas entregam-se à tentativa infundável da descoberta renovada do sentido da vida e da modalidade do comprometimento com ele.

Este contexto coloca as instituições universitárias de formação e investigação perante um agudo e crítico desafio e mesmo dilema: o de corresponderem às exigências de ‘relevância’ e utilidade colocadas pela sociedade, porém sem se despedirem da tradição de visão de longo prazo.<sup>3</sup>

A Universidade era, até há pouco tempo, uma instituição cuja essência estava acima do imediato, estava no mundo mas não era dele. O seu papel era o de visionar a sociedade e de permitir que esta se visionasse a si própria a longo prazo e segundo bitolas intelectuais, culturais e morais. Doravante o grande repto lançado às instituições universitárias, colocando-as sob a pressão dos pedidos e reclamações do pragmatismo e do imediatismo (para não sofrerem a acusação e o estigma de elitismo e ou de irrelevância), é o de saber se continuarão a funcionar como instituições que disponibilizam à sociedade possibilidades e vias alternativas para analisar o presente e moldar o futuro ou se renunciarão a esta função. Mais, se cederem a essa pressão e tentação, quem as substituirá no cumprimento daquela tarefa multi-secular de que a sociedade actual tanto carece? E qual o preço que a sociedade virá a pagar por uma tal deriva e subversão?

Procuremos dar algumas respostas a estas questões. A missão das instituições de formação e investigação obriga-as a ir além da ciência, da difusão e da criação do saber; a integrar-se no elenco dos esforços e instrumentos de modelação da vida, na esteira de um *comprometimento ético e cultural*. Precisando melhor, a pesquisa, a formulação e divulgação de conhecimentos, de pareceres, de posições e recomendações têm que chamar cada vez mais a si, de forma activa e ofensiva, o cumprimento do dever de elevar e enobrecer o processo civilizatório. Só assim poderão manter-se fiéis ao princípio da responsabilidade, ao primeiro e cimeiro de todos os princípios.<sup>4</sup>

Por isso há que reafirmar que *a Universidade não é somente uma instituição para estudantes*. Nem apenas para os dotar e potenciar com conhecimentos científicos, entendidos estes em sentido restrito. Ela tem que os *'formar'* com o saber que releva do humano, do cultural, do ético e do moral. Não pode deitar fora a obrigatoriedade de assumir um *protagonismo axiológico*, de iluminar a sociedade, as suas organizações e os seus sujeitos e actores com a luz de axiomas e normativos éticos.

É óbvio que a Universidade não é uma entidade de matriz religiosa, não vive da prática das virtudes cristãs, nem da imitação dos santos. Não vive da renúncia ao mundo e do recolhimento. Tem valores próprios, mas não é curial que se enclausure neles. É

imperioso que esteja no mundo e que intervenha de modo responsável e empenhado na configuração da realidade. Com todos os outros parceiros e, quando necessário, contra eles. Porque é essa a sua vocação suprema e a maneira superior de cumprir a sua inalienável missão e obrigação.

Assim não é defensável 'reformatar' as instituições universitárias para as sujeitar ao serviço de interesses espúrios; precisam, sim, de ser melhor formatadas como centros comprometidos com as causas primeiras e cimeiras da sociedade e Humanidade. Não podem e não devem servir mais ninguém.

'Reformatar' não é destruir. É, sim, reavivar, melhorar, reforçar, aumentar e transmitir a herança recebida: o apego a princípios e valores, ao saber e à racionalidade, à reflexão, ao debate e uso do pensamento, ao cultivo da liberdade, da justiça, da decência e da ética, ao avanço do bem comum, da solidariedade e do direito a uma vida digna em todas as idades, à avaliação e reconhecimento do mérito, à rejeição do fácil e falso, das ideias feitas, da manipulação e alienação, do populismo e demagogia.

Ademais nós não temos que gastar a vida e todas as nossas forças em alta tensão, a transformar sobrecarregados e contrafeitos o mundo e a sua ordem; temos direito a aspirações e desejos, a experimentar e multiplicar as belezas e momentos de afirmação e realização, de alegria, graça e felicidade que ele nos oferece. Sob pena de sufocarmos! É, pois, desejável que, nesta hora e antes de tudo, reflitamos acerca daquilo que já somos e do mais que queremos ser, acerca da medida dos valores humanos e universais em que nos revemos. Que, primeiro, falemos dos fins que nos inspiram; só depois é pertinente falar dos instrumentos e meios.

Estuda-se e investiga-se porque há, dentro de nós, a curiosidade e apetência para enfrentar e responder à necessidade de esclarecer os fenómenos e as coisas, de pôr a nu as diversas formas de hemiplegia espiritual e moral. Habita-nos a ânsia e o desejo de tentar cavar no contexto histórico modalidades de remodelação da vida. Ou seja, de entender e ajudar a ver a história e a vida entrelaçadas numa criação mútua e permanente.

É por isso que se estuda e investiga nas diversas áreas. Para impulsionar um entendimento e uma vivência delas à altura das premissas e carências culturais

vigentes. Assim a formação e a investigação almejam ser um sistema de ideias vivas que represente o nível superior de desafios, ideais e anseios próprios de cada era. Atribuem-se a *incumbência de formar pessoas cultas* que se meçam e sobreponham ao seu tempo, abertas à compreensão dos problemas, das suas causas e consequências; e disponíveis para todo o esforço de ser autêntico, de criar as suas convicções, para não se deixarem aprisionar nas certezas e nos dogmatismos e fanatismos dos mais distintos matizes.

Tenho para mim, amparado em Ortega Y Gasset, que a formação e a investigação querem ser uma fonte de grandezas e parâmetros dos quais possa viver o mundo e com os quais o possamos viver, lidar com ele, agir nele, cuidar dele; uma fonte de alguma coisa maior e mais importante, portadora de sentido e justificação para a sua existência e para o acto de o pensar e fazer.<sup>5</sup>

O mesmo é dizer que a formação e a investigação constituem uma força espiritual e reformadora da vida colectiva e individual. Contrapõem-se à arrogância e ao poder das forças da frivolidade e da insinceridade, da estupidez, mesquinhez e irracionalidade que teimam em comandar os destinos, em manietar e atrasar o passo do progresso comportamental, ético e moral. Porque precisamos tanto - ou ainda mais! - deste como do progresso científico e tecnológico.

Não chega, pois, formar quadros mais 'eficazes' e 'práticos', mas pobres de espírito, de pensamento e de teor cultural e humanizante. Porque a esses assenta que nem uma luva o reparo de Mark Twain: "Para aqueles que têm apenas um martelo como ferramenta, todos os problemas parecem pregos". Sim, não chega formar "idiotas da objectividade", cegos ao "óbvio ululante", como diria Nélson Rodrigues, quadros herméticos, carregados de certezas e seguranças, que apenas expressam o medo de se abrir à genuína complexidade do mundo. Pelo contrário, esta hora exige a formação de quadros realmente 'superiores'; ilustrados e iluminados para exceder e transcender a vulgaridade e a banalidade, hermeneutas capazes de inteligir a sua área e de a situar no plano da vida e no contexto sócio-cultural, à altura do seu tempo; disponíveis para viver a sua inteligência e para viver a partir dessa faculdade maravilhosa que é a de percebermos a nossa própria limitação.

Recorramos novamente a Ortega y Gasset: "para andar com acerto pela selva da vida é preciso ser culto, é preciso conhecer a sua topografia, suas rotas ou 'métodos', ou seja, é preciso ter uma ideia do espaço e do tempo em que se vive, uma cultura actualizada. Pois bem: essa cultura, ou se recebe ou se inventa. Aquele que tiver arrojo para comprometer-se a inventá-la, ele sozinho, para fazer por si o que trinta séculos de humanidade já fizeram, será o único que terá direito de negar a necessidade de que a Universidade se encarregue antes de mais nada de ensinar cultura. Infelizmente, esse único ser que poderia, com fundamento, opor-se à minha tese seria (...) um demente".<sup>6</sup>

Do mesmo pensador provém ainda - e com toda a fulgurância, urgência e actualidade - um outro alerta iniludível. A vida e qualquer das suas parcelas carecem sempre de ser regidas por um *poder espiritual*, por um pensamento correcto, por um sistema de categorias mentais que se envolva com as coisas, que contemple as coisas em ordem e a ordem das coisas. Porquanto a ausência de um pensamento clareado pelo rigor das ideias e perspectivas e pela procura da verdade priva os homens da possibilidade de viverem com dignidade e de maneira autenticamente humana; priva-os de condições para fazerem frente a todos os desafios e problemas iminentes ao plano e às premissas da vida.

Acresce, como muito bem hoje se percebe com toda a nitidez e impacto negativo, que os antigos *poderes espirituais* desapareceram para ceder o lugar aos *media*. O próprio Estado democrático passou a ser regido por uma opinião divulgada e publicada, que igualmente se oferece e impõe aos cidadãos para os sujeitar, condicionar e manipular. E não é novidade para ninguém que os *media* deformam, distorcem e invertem a realidade, reduzindo-a ao instantâneo e este ao aliciente e retumbante, ao escandaloso e gerador de polémica. O substantivo e duradouro é relegado para segundo plano ou até esquecido, surgindo no seu lugar o superficial e efêmero. Uma situação aberrante!<sup>7</sup>

#### AINDA E SEMPRE A ÉTICA

São muitos os autores que apontam para matriz deste novo século o retorno ao respeito e ao cumprimento das obrigações e deveres, como contraponto à

predominância do discurso dos direitos na segunda metade da centúria anterior. O mesmo é dizer que a ética está de volta ao centro dos olhares e das preocupações para anular os excessos e deturpações daquele discurso e para preencher o vazio e o relaxamento registados na observância dos valores. Realmente sobe de tom o coro de denúncias e de acusações a um clima de desconsideração e de atropelo de normativos ético-morais, responsabilizando-o pelo mal-estar geral e pela desarmonia social, já que onde falta a ética não floresce a felicidade, sendo o seu lugar ocupado pelo afrontamento e conflito, pela crispação e desagregação. Estamos por isso a assistir em todos os domínios da actividade ao acordar das consciências para a necessidade de repor o primado da ética. E isto não implica apenas o entendimento da educação no sentido de acentuar que a sua essência e os seus objectivos fundamentais se inscrevem no quadro dos princípios e valores morais. O mundo empresarial e dos negócios confronta-se cada vez mais com esta problemática, não espantando que nos manuais de gestão a formação de competências naquela área ganhe um relevo notável. Qual a razão para empolar tanto esta inquietação? Só não vê quem não quer: a ética encontra-se amordaçada e a decência emigrou para parte incerta. Logo é imperioso trazê-las de volta às luzes da ribalta, nomeadamente reforçando o seu cultivo e observância na formação de quadros universitários. Para que as instituições de formação e investigação se imponham como uma entidade espiritual superior e reformadora que represente o comedimento e a serenidade diante do frenesi, o discernimento e a razão diante da confusão, a parcimónia e o bom-senso diante da leviandade, a austeridade e sensatez diante da jactância e do estardalhaço. Não que se arroguem a pretensão de ser modelo do mundo ou de possuir a explicação para tudo, mas querem e podem participar na tarefa de o explicar e de lhe traçar um rumo. Enfim, a formação, em geral, e a de mestres e doutores, em particular, têm que reclamar, com redobrada insistência, uma *ofensiva ética e axiológica*. A sua função primordial é a de reavivar e espicaçar a consciência acerca do modo como a questão da dignidade do homem é abordada e concretizada. Para não nos conformarmos à *tristitia* e almejarmos a *laetitia*, ou seja, a passagem de um estado envergonhado e menor

para uma posição bem mais cimeira, alegre e maior. Claro está que, para reafirmar a formação académica como um projecto ético, não basta proceder a reflexões e formulações como as anteriores, por mais apelativas que elas sejam. É preciso acrescentar o indispensável ingrediente da vontade.

Para Kant havia duas coisas sumamente valiosas, que enchiam o seu espírito de admiração e reverência: o céu estrelado acima dele e a lei moral dentro dele. Os princípios e ideais universais que se impõem a todos e a vontade pessoal e individual de os respeitar e cumprir, digo eu encorajado pelo exercício da minha função. Os primeiros exigem a segunda, tal como muito bem o formulou Ortega y Gasset: “É imoral pretender que uma coisa desejada se realize magicamente, simplesmente porque a desejamos. Só é moral o desejo acompanhado da severa vontade de apontar os meios da sua execução”.

Sem esta vontade nada feito, porquanto o homem é um ser intermédio que oscila entre o chumbo e o fumo, entre a terra e o céu, entre o diabo e o anjo – advertia já Aristóteles (384-322 a. C.), lembrando-nos que aquilo (peso, gravidade ou indolência) que nos atira para o chão e para a inércia é que nos afunda no pasmo e na violência, no nível zero da humanização e nos empurra para a falsidade e para fora da órbita da dignidade – e para fora da ética. Donde decorre que a inacção é, como disse o Marechal Foch, uma falta infamante.

Nesta conformidade para a consumação dos postulados proclamados pela ética, aponta José António Marina, “o importante é a acção, que é o modo de converter em realidade as irrealidades que pensamos”. A acção é a síntese unificadora dos desejos e dos propósitos, é ela que coloca as nossas opções e sentimentalidades na rota da liberdade.<sup>8</sup>

Mais, homens livres são aqueles cuja vontade pratica mais exercício, porque a decisão de viver bem, de ter uma vida humanamente boa, em conformidade com prescrições éticas, tem que ser tomada dia a dia por cada um de nós. Dito de outro modo, a vontade é um querer ético e este um querer bem, um saber escolher o que mais nos convém para vivermos, com a melhor graça possível, a vida que decorre entre seres humanos.

Ao cabo e ao resto, o eclipse da ética, nos tempos que correm, reflecte igualmente o eclipse e a crise da

vontade. Pelo que para repor o primado da ética é também necessário investir nos terrenos da vontade. Em suma, a ética não se impõe pela enunciação da ementa dos princípios, mas sim pela mobilização do ânimo e da vontade, tendo em vista um agir condizente. Isto é, os nossos actos são um território ético e moral, podendo dizer-se, seguindo Piaget, que a lógica é a moral do pensamento e a moral é a lógica da acção. Por outras palavras e a contragosto de tanta gente tida por douta, a nossa formação, entendida e afirmada como competência para intervir na acção, tem na ética o seu fundamento constituinte; é esta que a alimenta, é nas suas exigências que se deve alicerçar.<sup>9</sup>

### DAS COMPETÊNCIAS E EXIGÊNCIAS

À luz do que atrás ficou dito, a formação de mestres e doutores deve procurar orientar-se para a criação de uma consciência e de um perfil de competências, exigências e obrigações que façam jus à responsabilidade que pesa sobre os ombros desses quadros. Passamos a enumerar algumas.

1. A Universidade tem como distintivo essencial a investigação e como função primeira a preparação científica, espiritual e cultural dos seus estudantes. Assim, à cabeça do corpo de aptidões e disposições que estes devem exhibir, emerge a formação da necessidade de acumular e renovar conhecimentos, ideias e perspectivas. Muito a propósito vem esta citação do grande escritor e pensador Miguel Torga: “O que me salva nesta existência repetitiva é a minha capacidade de renovar incessantemente a visão das coisas”.

Ao cabo e ao resto um mestre ou doutor deve olhar-se e medir-se no clássico *mito de Sísifo* que representa a *condenação do Ser Humano*, um fardo do qual não consegue nem é legítimo subtrair-se, sob pena de renunciar à sua condição e mister. Cada um dos seus dias é um pouco a *Jornada de Sísifo*, de Francisco Ventura:

*Sísifo foi por deuses condenado  
A levar uma pedra assaz tamanha  
Por um serro, só sendo perdoado  
Quando alcançasse o cimo da montanha.*

*Mas por ignoto e bem terrível fado  
Foi sempre inútil toda a sua sanha.*

*Mil vezes veio atrás extenuado  
E retomou em vão essa campanha.*

*Sísifo não é mito legendário  
Sísifos somos neste mundo vário,  
Mas vasto de amargura desmedida.*

*Todos temos um sonho irrealizado.  
Todos temos um fim inalcançado.  
A jornada de Sísifo é a vida.<sup>10</sup>*

Como é sabido, o homem constitui o único ser existente no universo que busca permanentemente *conhecer* (o mundo, o contexto e as circunstâncias) e *conhecer-se*. Esta conduta é inerente à sobrevivência e à afirmação da sua especificidade humana: *Ser curioso*. Como tal está condenado à educação e formação, à pesquisa e procura do saber, a aprender e a interrogar-se, a um *trabalho permanente e inacabado* que implica colocar em causa os resultados obtidos e recomeçar sempre. Nisto se inspira a produção do conhecimento científico. Esta tarefa distingue-se (e cumpre-se) pelo seu carácter sistemático, pela utilização consciente e explicitada de um método. Mais, esse labor consiste numa perseguição interminável da verdade, através de um saber provisório e conjectural, empiricamente refutável. São estas características da actividade científica e reflexiva que permitem comparar a aventura humana do conhecimento à condenação a que os deuses sujeitaram Sísifo: ter que realizar e retomar incessantemente a mesma tarefa, sem jamais expiar a culpa, cumprir a pena e satisfazer a condenação.

Não se perca de vista que o conhecimento, tal como a formação e a cultura, parte da noção da falta e está ao serviço da superação das insuficiências, da necessidade de viver, de conceber e realizar a vida num patamar superior. Por outras palavras, o conhecimento tem uma função instrumental: faz-nos evoluir e, por isso, pode tornar-nos seres humanos melhores. ‘Melhor’ é sinónimo de aprimoramento individual, contribuinte para o bem colectivo. Este aspecto não é de somenos importância; não pode ser negligenciado na pós-graduação.

2. Contudo a competência científica será incipiente, falha e manca, se não estiver estribada numa razoável *formação filosófica*. Não é possível efectuar uma

empresa de vulto científico, sem uma clara e firme visão epistemológica. É certo que, aqui e ali, ainda se fazem ‘discursos’ de desvalorização da Filosofia, procurando submetê-la ao ridículo e colocá-la em posição de inferioridade e até de antagonismo relativamente à ciência.

Isto leva-nos a recordar que a Filosofia padece hoje do mal que ela quis fazer outrora, pela mão de Platão, a outras áreas de conhecimento. Com efeito, o discípulo de Sócrates tentou desacreditar os mitos da poesia (inclusive fustigando Homero), da arte e da dramaturgia; atacou o discurso sofístico por, como assinala Luc Ferry, não visar “*absolutamente a verdade, mas simplesmente procura seduzir, persuadir, produzir efeitos quase físicos*”, por elevar as palavras à categoria de fins, ligados a “efeitos estéticos (...) *sensíveis, quase corporais* – sobre aqueles que são capazes de distingui-los”. Platão celebrou o modelo socrático e a Filosofia como fontes exclusivas da sabedoria, por se servirem das palavras e do diálogo para combater as diversas formas da ignorância, estupidez e má-fé e para buscar uma realidade situada bem acima da linguagem, ou seja, para chegar à Verdade inteligível.<sup>11</sup>

Porém, numa densa e extensa análise comparativa de obras célebres em diferentes épocas e contextos sócio-culturais da civilização humana, Harold Bloom conclui que “a literatura sapiencial é mais poética do que filosófica”. Mais ainda, ele reconhece a “implicação cognitiva do saber poético”.<sup>12</sup>

Ao dizer isto, Bloom não pretende retirar à Filosofia a qualidade de fonte de sabedoria; mas antes fundamentar a abordagem poética como uma maneira de filosofar, porventura mais profunda e próxima da autenticidade da vida, que ela retrata de modo sentido e dorido. Há, pois, como que uma fusão entre as duas formas de inquirir e saber. O que é particularmente visível, por exemplo, na obra de Fernando Pessoa. Uma e outra - tal como todas as racionalidades, maneiras, métodos e projectos de laborar em ciência - devem estar ao serviço da clarividência.<sup>13</sup> Importa reter que a Filosofia é fonte de sabedoria, coabita com a racionalidade científica e fecunda-a, tal como a outras formas e expressões da razão. Foi assim no passado e muito mais deve ser no presente; a conjuntura actual da vida e da sociedade aconselha a atribuir uma relevância crescente à Filosofia, a

torná-la mesmo indispensável. Porque ela incorpora uma *teoria* ocupada com a busca de um sentido para a vida e para este mundo; tem implicações práticas nos planos ético, jurídico e político, logo – como observa Luc Ferry - não é uma ciência ‘neutra’.<sup>14</sup> Sófocles (497 ou 495-405 a. C.), autor de obras-primas da tragédia grega, tais como *Antígona*, *Electra* e *O Rei Édipo*, quando perguntado por um discípulo acerca do castigo reservado àqueles que não filosofam, foi peremptório na resposta: “É a vida que levam! É serem o que são e não serem a pessoa que deviam ser”. Em contrapartida os que filosofam são seres quase felizes, quase perfeitos, quase divinos - assim os viu e reverenciou Pitágoras (c.570-c.496 a.C.), que cultivou a intimidade da Filosofia e Matemática.

Realmente a vida que se leva mostra-nos a pessoa que se é por fora. E esta dá-nos a imagem da pessoa que se é por dentro. Da pessoa essencial e autêntica. E como são inquietantes tantas maneiras levianas e impensadas de realizar a existência! E como é chocante a pobreza filosófica e cultural de muitos mestres e doutores! Quão embotado e tacanho, débil, trôpego e manco, apagado e sem brilho é o seu raciocínio!

Ora um mestre ou doutor tem que ser capaz de responder, com uma razoável desenvoltura, a estas perguntas essenciais:

*O quê?* – Pergunta da Ontologia

*Para quê?* – Pergunta da Teleologia

*Como?* - Pergunta da Ciência

*Porquê?* – Pergunta da Filosofia.

Todas elas - e não somente a última! - requerem a ajuda e o arrimo da Filosofia. Sem esta, o labor científico fica muito aquém do seu genuíno alcance e contenta-se com uma expressão reduzida, característica de quem não chega ao ser que transporta em si. Precisamos ainda da Filosofia para realizarmos o mais difícil de todos os ofícios, no dizer de Sócrates: o de nos conhecermos a nós mesmos e de percebermos as diversas e contraditórias pessoas, os heterónimos, que perfazem o nosso EU. Conhecermo-nos eis um ofício tão exigente quanto imprescindível, porquanto “aquele que não consegue ver-se a si próprio talvez afinal não exista”, como afirmou o jesuíta espanhol Baltazar Gracián (1601-1658).

Para estarmos à altura da função académica e universitária e da nossa identidade e dignidade, para fazermos face a um tempo conturbado e assoberbado por dilemas, ansiedades e angústias, para reaprendermos a ver o mundo temos que trazer de volta à pós-graduação a importância da Filosofia. Ela não vai anular a gravidade dos problemas, mas não permite que eles nos surpreendam, arrasem e esmaguem e danos força para os enfrentar, como assinala Fernando Savater: “Quando o número de perguntas e a sua radicalidade envolvem claramente a fragilidade receosa das respostas disponíveis, talvez tenha chegado a hora de recorrer à filosofia. Não tanto pelo afã dogmático de dar um remédio rápido para o desconcerto, mas para utilizar este a favor do pensamento de que o tornarmo-nos intelectualmente dignos das nossas perplexidades é a única via para começar a superá-las”.<sup>15</sup>

Carecemos da filosofia como pórtico inspirador, como estrela e bússola de gestão e orientação da nossa vida. Filosofar é questionar o que nos rodeia e perturba; é mirar para o alto, para fora e além de nós, à procura de um apoio e referencial que permitam sobrepujar a realidade. É um descontentamento preocupado connosco e com os outros. Estamos assim a fazer uso da razão para nos pensarmos a nós mesmos e o mundo em que vivemos, as suas crenças, tradições, costumes e mitos. Quando, na nossa acção, não usamos a inteligência, sensatez, lucidez e a força da razão caímos nas garras do manicómio teológico ou ideológico ou de outro matiz. Filosofar é imaginar o novo e superior e, por isso, um exercício de autonomia e liberdade, próprio de quem não se acomoda a determinismos e alienações de toda a ordem.<sup>16</sup>

A filosofia proporciona-nos ganhos de compreensão, conhecimento de si e dos outros, que podem ajudar a viver melhor e mais livremente. Mas, acentua Luc Ferry, não se filosofa só por isso, nem “por divertimento”, mas, às vezes, para “salvar a pele”, por haver na filosofia “elementos para vencermos os medos que paralisam a vida”, para aprender a viver, aprender a não mais temer em vão as diferentes faces da morte, ou, simplesmente, a superar a banalidade da vida cotidiana, o tédio, o tempo que passa...”<sup>17</sup>

Falar e pensar filosoficamente são, por conseguinte, actos corrosivos e subversivos dos poderes vigentes e da ‘ordem’ por eles propagandeada e estabelecida;

desacorrentam e desfazem nós, iluminam a porta e via de saída das armadilhas e labirintos em que nos deixamos aprisionar. Mais ainda, palavras e pensamentos são já em si eventos, porquanto idealizam e antecipam a realização de acções. A um modo de falar corresponde um método de pensar e a este uma maneira de agir.

Viver é a nossa ocupação fundamental, logo a sabedoria tem como alvo a melhor gestão possível da vida. E para isso não há bula. Saber viver bem a vida é o conhecimento mais difícil de adquirir; não há nada tão exigente, belo e sublime como desempenhar correctamente a existência e o papel da pessoa que nela somos chamados a representar.<sup>18</sup> Mas isso implica a consciência da necessidade e a vontade de saber; requer a sensação e percepção do vazio, a noção e insatisfação da falta. E isto, por sua vez, pressupõe conhecimento, competência crítica e sabedoria para visar mais elevado, para romper a rotina e o conformismo, para perceber as novas questões e maneiras de as abordar, para não nos contentarmos com uma configuração pequena das coisas e factos da vida.<sup>19</sup>

Não obstante este desafio e apesar de ser inerente à nossa natureza a possibilidade de nos pensarmos em profundidade e de questionarmos as relações com a crescente complexidade do mundo, a filosofia está fora de moda, é encarada como algo estranho e distante. Parece que nos damos bem com a sujeição a um fabrico de identidades em série, a um mundo às avessas em que os interesses tomam o lugar dos princípios; reagimos pouco aos cenários traçados e impostos pelos politólogos e economistas, pelos autores e publicitários do discurso do inevitável. E no entanto a indagação confusa de um sentido para a vida, o tédio angustiante, o vazio e o abismo interiores não cessam de aumentar. Ou seja, é a conjuntura que pede para trazermos de volta a palavra da filosofia, sabendo que a voz da razão é baixa, mas não se acomoda ao descanso enquanto não tiver audiência bastante.<sup>20</sup>

Nesta era de mágoas, agonias e opressões é preciso filosofar. Porque a vida que levamos revela o que estamos a ser, isto é, a filosofia e a sabedoria que nos faltam. A ‘filosofia’, predominante no nosso contorno político, ideológico e social, é a da ausência de uma clara direcção filosófica; no lugar desta crescem



o improviso e o deserto de causas, ideais e valores. Alguns dizem gostar; mas não são eles quem fala, são a ignorância e o oportunismo que os habitam.

3. Em terceiro lugar e em decorrência do ponto anterior, embora não forçosamente por esta ordem, um mestre ou doutor tem que fazer uso da *capacidade de sonhar o Grande*. Ou seja, a formação científica é inquestionável e indispensável, mas não constitui pressuposto bastante, se fechar o círculo em torno de si. Como afirma a escritora Nélia Piñon, “ninguém pode ser grande sem uma sólida formação e sem digerir o que é Grande”. E Fernando Pessoa diz-nos que o nosso tamanho é dado pelos sonhos que temos; e que estes, para merecerem esse nome, têm que ser grandes, caso contrário são fardos, tormentos e pesadelos.

O significado e alcance das citações anteriores são reforçados e aumentados com estoutra de Albert Einstein: “A imaginação é, de longe, muito mais importante do que o conhecimento”. E encontra respaldo na tese do escritor e pedagogo Laurence Peter (1919-1990): “A competência, tal como a verdade, a beleza e as lentes de contacto, está nos olhos de quem vê”.

Tudo isto vale para dizer que, sem ter a capacidade de ver, perceber, admirar, idealizar, sonhar e almejar o Grande, a formação de mestre e doutores fica aquém das expectativas que recaem sobre eles.

Sendo verdade que onde Sancho Pança vê moinhos, D. Quixote vê gigantes, é expectável que um mestre e, sobretudo, um doutor veja muito além e acima do senso comum e se deixe guiar por visões de idêntica envergadura. O seu gabinete e trabalho devem constituir um ‘sonhatório’, um planetário e uma varanda, onde se idealizam e fazem exercícios de alteridade, apostados em escapar à estreiteza do mundo, ao modo atrofiado, tolhido e enfezado de o captar e perspectivar.

Para tanto deve adquirir o hábito e a rotina de pensar. *Pense!* – eis a intimação da IBM, que encontra eco no apelo da Apple: *Pense de uma forma diferente!* O pensamento compensa as falhas e limitações da visão e dos outros sentidos; é uma prótese para atenuar as dificuldades de olhar e ver, de captar e sentir. Um mestre ou doutor tem que crescer e aparecer como um livre-pensador: pensar livremente, sem peias e torpores de ordem ideológica ou afim. Mas

para conseguir pensar, tanto quanto possível, por si mesmo, autonomamente e com mestria – coisa que requer muito tempo! – precisa primeiro de “aprender a pensar segundo outros e com outros”.<sup>21</sup> Se assim não agir, prescinde da dimensão humanista e enquadra-se neste vaticínio do escritor Eça de Queiroz (1845-1900): “O homem, à maneira e medida que perde a virilidade do carácter, perde também a individualidade do pensamento. Depois cai na ignorância e vileza”. Que triste destino, que condenação abjecta, ainda por cima aceite por *motu proprio!* Com isto não estou apelando ao cultivo do frio individualismo e do lucrativo e abjecto calculismo; tenho filiações, agregações e relações e não consigo viver sem elas. Sei o que é ser cúmplice e solidário, mas *não me entendo com o espírito de rebanho*, nem consigo ver como é que um académico pode, com tal servilismo e diminuição, reclamar honorabilidade e respeitar a sua condição. Nas suas abordagens ele deve querer parecer e *ser um fugitivo*; alguém que foge de credences, suposições e adesões antigas, ocas e gastas e procura ir na direcção contrária a alguns juízos e preconceitos ainda assaz comuns e em moda. Procurar ser diferente, não por gosto ou pedantismo e exibicionismo, mas antes por lema, inerência e obrigação incómodas. *Fugir do rebanho e do gorduroso odor ao estábulo*, a sete pés!

Mário Quintana estava carregado de razão, ao afirmar: “Cada um pensa como pode”. E Max Weber também: “Cada um vê o que tem no coração”. Sim, o pensamento e o coração casam-se em comunhão de bens; condicionam-se mutuamente. Quem se compraz com o baixo pensa baixo; quem tem prazer com o alto levanta o pensamento a esse nível.

Estes versos de Bárbara Heliodora foram, muito provavelmente, feitos a pensar em alunos do ensino básico e fundamental, mas não é demais recomendar a sua leitura e a ponderação do seu alcance para os estudantes da pós-graduação:

*Meninos eu vou ditar  
As regras do bem viver.  
Não basta somente ler.  
É preciso ponderar,  
Que a lição não faz saber,  
Quem faz sábios é o pensar.*

4. A formação de mestres e doutores deve visar, entre os vários objectivos, que eles assumam progressivamente o *papel de intelectuais*, aptos e esclarecidos para intervir na discussão pública dos assuntos da sua área e dos problemas da vida e do mundo.

Para tanto precisam de:

— Pensar sem limites, como ficou dito e justificado atrás, sem ideias e juízos preconcebidos, porquanto as mentes são como os pára-quadras: só funcionam quando estão abertas.

— Pensar para além do particular, em nome do universal, isto é, ver e tornar o local sem paredes, não ser murado nos olhos e na alma.

— Introduzir o universal no particular: importar valores e fundamentos universais para as acções humanas, procurando revesti-las, enformá-las e apreciá-las nessa conformidade.

— Ser intermediários ou ‘passadores’ entre o mundo das ideias e a praça pública ou cidade.

Como escreveu Edward Said (1935-2003): “O lugar provisório do intelectual é o domínio de uma arte exigente, resistente, intransigente, na qual, lamentavelmente, ninguém se pode refugiar, nem buscar soluções”. Seu papel é “num modo dialéctico, oposicionista, revelar (...) e desafiar e derrotar tanto um silêncio imposto como a quietude normalizada do poder invisível”.<sup>22</sup>

Quando consultamos as obras de Pierre de Bourdieu, ressaltam à vista os reptos e obrigações a assumir pelos intelectuais como *seres bidimensionais*: competência no seu campo autónomo e comprovação da sua perícia e autoridade numa actividade política exterior ao seu múnus particular. Eles devem oscilar entre o recolhimento e a exposição pública, entre o silêncio e a intervenção, consoante a autonomia racional seja respeitada ou ameaçada pelas circunstâncias e poderes instituídos. Acresce ainda o dever de se envolverem na defesa de causas universais e na transgressão da ordem e da moda vigentes, quando estas sejam rasteiras ou iníquas. No fundo, os intelectuais devem filiar-se no *partido do contra*, isto é, situar-se e afirmar-se sempre a favor da Humanidade.

Pelo mesmo diapasão afina Magalhães Gomes, pioneiro da pesquisa nuclear no Brasil: “O filósofo, o humanista, o cientista podem continuar na sua torre de marfim para contribuir com as meditações que

fazem no seu gabinete, na sua biblioteca, no seu laboratório, para aumentar e enriquecer a inteligência e o espírito do homem. Essa torre, porém, deve ter uma janela de onde se observa o mundo e uma porta para que, quando a ocasião o exija, eles participem das agruras dos seus irmãos e os sirvam com sua sabedoria e seus conselhos. Compete a todos correrem o risco e a responsabilidade da condição humana. No convulsionado mundo de hoje, o engajamento não é só um imperativo moral, é também uma contingência”.

5. Mestres e doutores são *profissionais da palavra* e do ministério de a escrever e dizer com estilo erudito, elevado e perfumado, claro e sublime, ético e estético. Devem, pois, ser formados como cultores do uso maior e do poder superior da palavra. A lógica científica, epistemológica e filosófica pede a companhia colaborante de um correspondente *nível retórico*.

A Lógica é considerada a arte de bem pensar, de bem ordenar ideias e tudo o mais que queremos transmitir, enquanto a Retórica pode ser considerada a arte de bem expor e falar. A escrita é e sempre será uma arte de eleição, uma espada de lâmina afiada e cortante. A Palavra é contra o analfabetismo, a injustiça, a falsificação, a farsa, a deturpação e a mentira.

Mestres e doutores são concomitantemente *oficantes da Lógica, da Retórica e da Palavra*. Devem saber que a verdade mora nos interstícios das palavras. E que a linguagem, seja oral ou escrita, representa a forma, o nível, a densidade, o fulgor e a luminosidade das ideias – ou a sua penúria, fragilidade e ausência. As palavras revelam a ‘performance’ mental, a ideologia, o conteúdo, a ordem e o rendimento do pensamento que as anima.

Convergente neste entendimento e contrária às visões superficiais que fazem da linguagem um mero ornamento, paramento ou castiçal e desconhecem a sua primordial função, é esta elucidativa definição de Fernando Savater: “A linguagem é o tapete mágico simbólico deste permanente sobrevoar activamente a realidade para tentar chegar a ser plenamente real. Sem nunca o conseguir totalmente, claro...”<sup>23</sup>

É por isso que a boa escrita ou oratória não é fácil, nem provém da inspiração circunstancial e espontânea, mas da intensa e insistente transpiração. É muito difícil, custa exercitação aturada, suada e recorrente; exige o conhecimento das regras gramaticais, um apu-

rado sentido da ética e estética das palavras, a mestria do assunto tratado, a sensibilidade para se meter na pele do leitor ou ouvinte, um grau elevado de consciência do mandamento de honrar o espírito de serviço público subjacente, que é o de contribuir para subir o índice de exigências de quem lê ou escuta. A linguagem não pede só clareza nas palavras e ideias; requer clareza que ilumine e incendeie a vontade, a alma e o coração do ouvinte ou leitor. Como diz Dad Squarisi: “Há palavras e palavras. Algumas informam. Outras emocionam. Há as que mobilizam para a acção. Todas têm hora e vez”.

Cabe aqui adicionar uma outra e fundamental razão para sustentar e enfatizar a necessidade de que a elevação da linguagem seja uma preocupação importante na formação de mestres e doutores; e nada melhor do que pedi-la emprestada a Wittgenstein, uma autoridade na matéria: “Os limites da nossa linguagem são os limites do nosso mundo”. A linguagem alarga e abre horizontes; e também os fecha, quando é entevada e rasteira.

A palavra é sobretudo expressão da ausência de coisas que não temos, do que ainda não somos. Invoca e provoca. As palavras, que fazem com que as coisas elevadas desapareçam, criam o sentimento de perda, de ausência e vazio. Assim a proficiência de um cientista e intelectual vê-se também na capacidade de inventar palavras novas, substantivas e aumentativas, sugestivas, leves, azuis, aladas, criadoras... que levem os outros a levantar voo e seguir viagem até às estrelas mais distantes.

Um mestre ou doutor deve ser – como diz Ademar Ferreira dos Santos acerca de Rubem Alves – um pedagogo “da sensibilidade essencial”. Deve aspirar não “a converter, mas a enternecer, ou seja, a engravidar de beleza os ouvidos que o escutam e os olhos que o lêem”. A ser “uma luminosa instigação ao encantamento”. A ir além do “domínio da estrita racionalidade” e cultivar a “pura magia amorosa”. Quem os ler e ouvir há-de assim desejar “ouvir-se enternecidamente a si próprio e ver-se a uma nova luz...”<sup>24</sup>

Para isso os mestres e doutores precisam de escrever e falar como quem faz fotografias coloridas com as palavras. Para fazer ver e para semear, com o desejo de que alguém veja e colha aquilo que lhe escapa. Isto é, devem tornar-se paulatinamente *artífices da palavra*, para corresponder ao preceito de tentar

recriar e mostrar a inesgotável novidade do Mundo. Perante o rolo compressor da globalização e o alastramento da onda do *relativismo cultural* e de todas as sequelas do *elitismo invertido* que lhe está associado - o culto e a adulação do grotesco, do boçal, do popularucho, do bacoco, do fácil, do ordinário, do reles e inestético; o avanço e predomínio da ética indolor, do relaxamento e do abaixamento normativo - é fulcral preservar, num nível superior, a norma social, a cultura, a técnica e a linguagem que são, no dizer de Fernando Savater, as instituições da liberdade.<sup>25</sup>

Digamo-lo sem rodeios: é inaceitável que um mestre ou doutor não respeite e domine a norma linguística. Não, não é o mesmo usar uma linguagem fina, escorreita, plástica, arredondada, bela e apolínea ou escrever e falar com erros e tropeções gramaticais, com solavancos no encadeamento e conjugação dos termos, com palavras e frases frias e rudes, coxas, imperfeitas e inexpressivas, sem ritmo e harmonia, como um iletrado, um analfabeto e ignorante.

Diga-se ainda que a palavra não é inferior, nem anda desavinda da ciência. Ambas andam de mão dada e caminham lado a lado. A palavra vincula ao mistério; a ciência vincula às coisas. Na palavra mora a intimação da pergunta; na ciência mora a possibilidade da resposta. A palavra mergulha no obscuro; a ciência vai pelo caminho da luz. A ciência está vinculada à racionalidade da cabeça; a palavra brota da sensualidade do coração.

Enfim é curial ter presente o imenso poder da palavra e não contornar a exigência de a aprimorar. É que são as palavras que criam o real e não o inverso. Aquilo que não tem palavras não existe ou está condenado a não existir. A arte, o rigor, a precisão, a elegância e a erudição das palavras criam uma realidade correspondente. Tal como fica bem expresso nestes versos da poetiza Sophia de Mello Andresen:

*De longe muito longe desde o início  
O homem soube de si pela palavra  
E nomeou a pedra a flor a água  
E tudo emergiu porque ele disse.*

6. A carreira científica deve lançar os caboucos e percorrer o caminho que leva do conhecimento à sabedoria. Mais ainda, ela deve assumir-se como um palco de exercícios concretos para que a amizade ou

amor à sabedoria (*philo-sophia*) possa evoluir para a prática da *sabedoria*. Esta tem implícita a capacidade de delimitar bem as tarefas, de aprender a ignorar o que deve ser ignorado e de eleger o que merece atenção e empenhamento e deve ser proclamado, para eliminarmos medos e perturbações inerentes à angústia da finitude, à nostalgia do passado e dos paraísos perdidos e ao temor do obscuro porvir, para vivermos uma vida reconciliada com ela mesmo e com o presente.<sup>26</sup>

A toda a hora temos que recomeçar o texto da vida e reinventar as margens que o seu curso deve seguir. Afinal a vida é uma viagem; é nesta que a aprendizagem acontece e a pessoa amadurece. *O saber vem-nos do sabor que a viagem oferece*. Estamos e somos em trânsito, num mar salgado e fundo de doce encantamento e também, não raras vezes, de ácida desilusão, que deve ser revertida a nosso favor.

Nesta conformidade o grau de mestre ou doutor deve assemelhar-se a um estandarte, que convida para uma nova viagem, constantemente aferida e renovada, que proporcione o lídimo saber e seja coroada pelo enlevante sabor de um bandeirante cioso de enobrecer e degustar a vida. Por outras palavras, é expectável e desejável *caminhar do conhecimento para o saber*, sendo este convidado a anular-se e abrir-se a cada vez mais ao sabor. Como propõe Roland Barthes:

Sapientia: *nenhum poder,*  
*Um pouco de saber,*  
*O máximo de sabor...* <sup>27</sup>

Este desiderato vê fundamentada a sua legitimidade ao constatar-mos, como Hegel, que as pessoas ficam sábias sempre que já é demasiado tarde. Talvez porque “vamos bordando a nossa vida, sem conhecer por inteiro o risco; representamos o nosso papel, sem conhecer por inteiro a peça. De vez em quando, voltamos a olhar para o bordado já feito e sob ele desvendamos o risco desconhecido; ou para as cenas já representadas, e lemos o texto, antes ignorado”.<sup>28</sup> Ocupemo-nos e realizemo-nos, portanto, com o fado e destino de clarear os nossos caminhos, para poder-mos projectar luz sobre os dos outros. Façamos do Outro a nossa direcção. Tornemo-nos, pouco a pouco, passo a passo, pessoas sem idade, donas do tempo e

da alegria, da beleza e sensibilidade, estrelas multiplicadas e repartidas pelos outros. Sem a preocupação de estarmos à frente do tempo, mas de fazermos parte dele, de o incarnarmos e sermos. Só assim ficaremos para além de cada dia e do tempo, como reflexo de tudo quanto derramamos na senda da vida.

7. A *sinceridade* e a *franqueza*, embora não sejam muito premiadas na política, são grandes virtudes humanas, necessárias a um académico e imprescindíveis num professor. Na mesma apreciação se inscreve a *generosidade*; pode ser fraqueza e ingenuidade aos olhos da política e do mercado, mas não no campo da educação e formação. Ademais, disse Mahatma Gandhi (1869-1948), “o fraco nunca pode perdoar. O perdão é um atributo do forte”.

As qualidades anteriores mergulham numa outra, cujo exercício visível e intenso reivindica carácter de urgência no clima de mentira e oportunismo que nos cerca e ameaça de asfixia. *O apego à verdade, à ética e ao empenhamento* na defesa das causas da Humanidade e na denúncia dos interesses que contra elas atentam constitui uma das bandeiras mais exaltantes da Universidade. Logo esta não pode deixar de assinalar com tais balizas a formação de mestres e doutores. Não pode deixar de os sensibilizar para erguerem, com convicção e paixão, as bandeiras do humanismo, da universalidade e solidariedade. Erguer tais bandeiras é hoje tão necessário quanto incómodo. Porque este é o tempo ambíguo, ingrato, trágico e, por isso mesmo, ético de Dom Quixote: de beirar a transcendência e sucumbir à desilusão. Um tempo que exige coragem para empunhar o pendão dos princípios e valores: um estandarte assaz pesado e perigoso que, no entanto, não estamos dispensados de erguer, de acordo com esta pertinente chamada de atenção de Tarphon: “Não sois obrigados a concluir a obra, mas tampouco estais livres para desistir dela”. E em concordância com a formulação de Mário Quintana: “A vida são deveres que nós trouxemos para fazer em casa”.

É certo que muito do nosso imaginário, do nosso posicionamento ético e deontológico é povoado de idealismos, de utopias morosas de concretizar e de mitos que não se deixam alcançar. Mas há impossíveis necessários à ousadia de sonhar outra existência. Além de que “precisamos de mitos para tornar suportáveis os nossos dilemas irresolúveis.(...) Se

fôssemos demolidores irresponsáveis de mitos, rasgaríamos os nossos direitos humanos e começaríamos de novo (...) Por enquanto, se quisermos continuar a acreditar que somos humanos, e justificar o status especial que nos atribuímos – se, na verdade, quisermos permanecer humanos através das mudanças que enfrentamos –, é melhor não descartar o mito, mas começar tentando viver à sua altura”.<sup>29</sup> Alexander Aris, que em 1991 recebeu pela mãe Aung San Suu Kyi, em Oslo, o Prémio Nobel da Paz, explicou assim os termos da luta entre maldade e esperança, entre violência e dignidade: “Não podemos esquecer que a luta que se desenrola num jardim fortemente guardado em Rangun é parte de uma luta muito mais vasta, mundial, pela emancipação do espírito humano da tirania política e da submissão psicológica”.<sup>30</sup>

Não me venham, pois, dizer que não temos nada a fazer, a não ser aceitar aquilo que esta fase exclusivamente negativa da globalização impõe por toda a parte. Isso não passa de um convite para cairmos na cobardia, na vergonha, na indolência, na indiferença, na acefalia, na acedia e desídia imorais e aviltantes. A nossa resistência, aqui e agora, na arena e nas ameias da Universidade, é um contributo para a afirmação da necessidade e possibilidade de outra condição humana, de outra vida e forma de a realizar. Para irmos ao encontro de José Saramago que recentemente, ao comemorar os seus 85 anos, apelou às “pessoas boas” e aos “amantes da beleza” para reagirem “contra a barbárie”, para não aceitarmos calados, resignados, abúlicos, viscosos e submissos este destino de ignomínia e anomia do distintivo humano. Talvez não possamos mudar a história e as circunstâncias; mas não devemos permitir que elas nos pervertam a alma. Sejamos humanos, muito humanos, frontais, honrados, leais e decentes; e procuremos corresponder ao comovente apelo de D. Hélder Câmara, o insigne ex-arcebispo de Olinda e Recife: “Ah, se conseguíssemos o ideal de manter, permanentemente, em nós, o espírito da Lua crescente, o espírito da esperança!”

#### EM JEITO DE CONCLUSÃO

Reconheço que é legítima a acusação de que, nas considerações anteriores, há parcialidades e uma manifesta tomada de partido. Ou seja, a balança está

demasiado inclinada para um lado. Não foi por distração, mas antes de propósito, para contrapor um dique de reservas ou defesas à exclusividade da avassaladora onda da tecnologia e seus derivados e associados.

Aflige-me que, ao entregar-se às novas, poderosas e promissoras tecnologias, confiando nelas para obter todas as respostas, o homem seja mais *homo demens* do que *homo sapiens*. Por fugir às interrogações fundamentais, ele foge e desvia-se verdadeiramente de si mesmo.

Partilho também das opiniões expressas por António Bracinha Vieira, quando perguntado acerca do espaço reservado ao cultivo da reflexão filosófica: “Um lugar bastante decadente porque a chamada Logociência, que era admirável, que nos mostrava os confins do universo, a evolução do homem, a origem da linguagem, o comportamento dos animais, que estava cheia de enigmas, deixou de ter investimento, como hoje se diz. Então o que se desenvolve? A tecnociência. A biotecnologia. As ciências que vão reforçar a indústria e aumentar os lucros das grandes sociedades. A sociedade que pode subsidiar a ciência, subsidia aquela que lhe vai dar vantagem. É um círculo vicioso, que vai cortar a ciência da verdadeira fonte que a alimenta – alargar o horizonte de conhecimentos”.<sup>31</sup>

O mesmo autor constata, num retrato deveras escuro e negativo, um *regresso da barbárie*, a junção “do pior dos primatas com o pior das térmitas”, o avanço da manipulação fácil e da passividade crítica, a emergência do indivíduo *incharacterístico*, frio, ávido, timorata, um escravo terrivelmente degradado, sem princípios, sem visão e sem escrúpulos que se sente “senhor da história, profundamente civilizado, e não consegue fazer a crítica à sua alienação”. Este “ser sem regresso, irreversível” representa a derrota dos gregos pelos bárbaros “sem pensamento, sem ética, sem estética, sem horizonte, sem projecto, sem reflexão”. E acusa, sem quaisquer contemplações de ordem corporativa, que, por já estarem no estádio da linguagem enfraquecida, temos doutorados e professores “que dizem parvoíces”. “E como não sabem falar também não sabem pensar. E então há uma queda do nível da razão, toda essa irracionalidade emerge e é premiada pela sociedade, pela Absurdidade”.

A gravidade da acusação vai mais longe: o *incharacterístico* “tornou-se a norma e está bastante invisível, ou seja, as pessoas convivem com ele e já o abrigam, não o vêem. Julgo que o papel da filosofia é justamente dar a ver aquilo que é visível mas que as pessoas normalmente não vêem ou não querem ver, não podem, não conseguem”.

Pois é, mas a filosofia e tudo quanto lhe é correlato estão postergados, sofrem exílio e ostracismo. Sim, “que dizer – alerta Daniel Sampaio – do apagamento progressivo da Filosofia ou da menorização das humanidades, para já não falar da ideia agora na moda de que às escolas compete servir as empresas?” Responde o mesmo autor: “A esperança está, como sempre, nas novas gerações. Oxalá estejam atentas e ainda a tempo de evitar a barbárie”.<sup>32</sup>

É por isso mesmo que equacionei a formação de mestres e doutores do jeito atrás formulado. Não me atrai mesmo nada que, em vez de ‘humanistas’, passemos a ter ‘profissionais’ técnicos sem qualquer teor intelectual do que têm a dizer ou fazer, idiotas avessos à dor e ao fastio de reflectir e aptos a aceitar e seguir, sem pensar, o primeiro *condutor* que surgir. Não me conformo a um perfil dos novos quadros vazio de sonhos, ideais, utopias, causas humanas e universais, a essa nulidade que, na antevisão de Max Weber, “imagina haver atingido um nível de civilização nunca dantes alcançado”.

Ficamos de consciência tranquila se formarmos (!) gente incapaz de fazer perguntas, de se interrogar, de ter rebates e inquietações, dúvidas e perplexidades da consciência e da alma, de levantar questões, de fundar argumentos e convicções, de reagir às manipulações e perversões, de se indignar perante os agravos infligidos à sua e universal humanidade? Seremos lúcidos se fecharmos os olhos a este tempo de *aniquilação da estesia, do alto e belo*, de apagamento do sentido, do valor e do dever e de nivelamento do gosto, do conhecimento, dos gestos e sentimentos por baixo?

Ao concluir esta intervenção invade-me uma viva sensação de incompletude, de fragilidade e nostalgia, semelhante à que mora nestas palavras de Friedrich Nietzsche: “Quando se acabou de construir a própria casa, nota-se, de repente, que se aprendeu qualquer coisa que, pura e simplesmente, já se devia ter sabido antes de começar. O eterno e triste ‘demasiado

tarde!’ A melancolia de tudo o que está pronto”.

Para adensar a insatisfação, aguda e incômoda porque contém algum sabor a frustração, contribui igualmente esta subtil acusação de Mário Quintana: “O falante diz uma coisa. O ouvinte entende outra. E a coisa propriamente dita desconfia que não foi dita”.

Sim, desconfio que ficou por dizer aquilo que devia ser dito. Porventura a substância não logrou aflorar à superfície e oferecer-se ao ouvinte e leitor, de um jeito simples e aberto, transparente e convincente. Quem errou? É sempre o emissor da mensagem. O fracasso é dele. Pecou pela ingenuidade, ao não cuidar que o tema dá margem a muitas interpretações. Ao subestimar que a língua prega traições e que a mensagem pode desaguar numa leitura simplista. Para cúmulo, deixou-se enredar num rosário de piedosas intenções e bondosas exortações.

Ignorei a visão lúcida e sábia que adverte para não gastarmos o tempo a aprender o que não nos interessa, a andar na superfície, sem chegar à fundura da substância do nosso ser e destino. Sim, esqueci-me de que não se ensina nem tampouco aprende o essencial. Ele está subentendido e pertence à nossa essência. E esta ou a temos ou não; temo-la conforme ao que somos. Não somos o que não somos. Não somos de modo oposto à vida que levamos, porque “*a existência precede a essência*”, como assinalou Sartre. Desculpo-me com o facto de que idealizar, traduzir e representar a realidade é sempre um exercício imperfeito. E com a jubilosa esperança de que os ouvintes e leitores passem a habitar o castelo normativo que o conferencista e escrivão tentou, em vão, construir.

Ora isto obriga-me a terminar com o pedido de que os mestres e doutores não sejam atingidos por este carimbo de Max Weber: “Especialistas sem espírito, sensualistas sem coração”.<sup>33</sup> E de que não se deixem cair na armadilha da vaidade, da bazófia e pesporrência, enunciada nesta advertência de Platão: “Quando os homens tiverem compreendido muitas coisas, acreditarão serem muito sabedores e não passarão de ignorantes, na sua maioria, e de falsos sábios, insuportáveis na convivência da vida”.

## NOTAS

<sup>1</sup> Este texto constitui uma revisão da abordagem acerca do mesmo tema, publicada na *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, número especial, Dezembro 2007.

<sup>2</sup> Bauman, Zygmunt (2007). *Tempos Líquidos*. ZAHAR – Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Neave, Guy (1995). On visions, short and long. In: *Higher Education Policy*, Vol.8, nº4, 1995.

<sup>4</sup> Bento, Jorge Olímpio (2004). *Desporto Discurso e Substância*. Editora Campo das Letras, Porto.

<sup>5</sup> Ortega y Gasset, José (1999). *Missão da Universidade*. Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> *Ibidem*

<sup>7</sup> Há quem chame *mediocracia* ao actual estado da democracia. Com isso traz-se à colação não só a sua conformação à mediocridade do poder exercido pelos *media*, como também a imbecilidade cultural e moral que estes induzem nos indivíduos.

Também há quem use a grafia *demo-cracia*. Como se sabe, a democracia é o governo do povo, segundo a etimologia grega do termo; ao dividir a palavra está-se a sugerir a sua perversão e a evidenciar o poder do demo.

<sup>8</sup> Marina, José António (1997). *Ética para Náufragos*. Editorial Caminho, Lisboa.

<sup>9</sup> Marina, José António (1997). *Ética para Náufragos*. Editorial Caminho, Lisboa.

<sup>10</sup> Ventura, Francisco (1939). *Jornada de Sísifo: sonetos*. Lisboa: Tip. Imp. Baroeth.

<sup>11</sup> Ferry, Luc: *Aprender a Viver*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

<sup>12</sup> Bloom, Harold: *Onde Encontrar a Sabedoria?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

<sup>13</sup> Pablo Neruda afirmou de modo radical: “Só a poesia é clarividente”. No fundo esta tese, transposta para o contexto aqui em apreço, implica que a formação e a ciência devam colocar-se ao serviço da poesia ou assumir-se como uma arte poética, isto é, devam ser entendidas como um instrumento para projectar clareza sobre a vida, para desvendar e tocar, transformar e afeiçoar a sua substância e o seu encanto e mistério. Para a esclarecermos e levarmos o melhor e mais elevadamente possível.

<sup>14</sup> Edmund Husserl refere que “a filosofia é uma ginástica intelectual terrível que você faz para conseguir ver aquilo que, desde sempre, estava na cara”.

Luc Ferry atribui à filosofia três dimensões: uma *teórica*, incumbida de esclarecer a natureza e estrutura do mundo no qual a nossa vida se cumpre, procurando destacar “o essencial do mundo, o que nele é mais real, mais importante, mais significativo”; uma *prática*, ligada à esfera *ética*, voltada para os outros e para as normas de trato e relacionamento humanos; uma terceira direccionada para a questão da *salvação* ou da *sabedoria*, isto é, para uma forma sábia, feliz e livre, da vida. (*Ibidem*)  
Por sua vez, Fernando Savater divide a filosofia em duas partes: *indagação* e *medicina*.

Enquanto *indagação*, suscita aquelas perguntas mais gerais que almejam alcançar uma visão de conjunto, laica e racional, do que somos, do que fazemos e do que nos rodeia.

Enquanto *medicina*, visa combater, com armas críticas, as superstições, os dogmas e juízos obsoletos que atormentam o indivíduo desejoso de ser livre em todas as épocas.

<sup>15</sup> Savater, Fernando (1991). *Ética Para Um Jovem*. Editorial Presença, Lisboa.

<sup>16</sup> “A verdadeira filosofia é a que nos permite reaprender a ver o mundo” - assim o disse Merleau-Ponty. A esta asserção pode juntar-se uma outra de Lewin: “Não existe nada mais prático do que uma boa teoria”.

Ambas as afirmações nos lembram quão necessárias são a filosofia e a teoria para enfrentar os problemas práticos da vida.

<sup>17</sup> Ferry, Luc, *ibidem*.

<sup>18</sup> “A única resposta a dar à morte é viver a sério. (...) Se não queremos fechar-nos numa redoma de vidro, carcomidos pelo medo, a única opção que temos é viver. Viver a sério, todos os dias, todas as horas” - assim recomenda Isabel Stilwell.

<sup>19</sup> “Para ir à frente dos outros é preciso ver mais do que eles” - escreveu o poeta cubano José Martí (1853-1895). Com isso está a dizer-nos que, para superarmos as circunstâncias, é preciso ver para além delas. Essa é também a função da filosofia.

<sup>20</sup> “Todos temos a capacidade individual de actuar sobre a trajectória do Mundo” - eis uma anotação de Henri Laborit que nos incita ao desassossego. Não se trata apenas de ‘capacidade’, mas sobretudo da obrigação de nos interpormos perante os crimes contra a Humanidade, isto é, contra cada um de nós enquanto ínfima fracção da Humanidade. É que cada um de nós representa sozinho toda a Humanidade.

Por isso mesmo Charles Swindoll não consente que nos entreguemos ao desânimo: “Não interessa o que os outros possam pensar, dizer ou fazer. Nós temos que buscar os nossos limites máximos, e não apenas boiar à deriva, ao sabor da correnteza, ou apanhar de má vontade uma onda e deixar-nos levar até à praia. Nós temos o dever de voar”.

<sup>21</sup> Ferry, Luc, *ibidem*.

<sup>22</sup> Said, Edward, in: *Humanismo e Crítica Democrática*, Companhia das Letras, São Paulo.

<sup>23</sup> *Ibidem*

<sup>24</sup> Alves, Rubem (2003). *Conversas com quem gosta de ensinar*, Porto: Edições ASA.

<sup>25</sup> *Ibidem*

<sup>26</sup> O estoicismo ensinava os seus discípulos a abandonar ideologias que valorizam a esperança. Para o efeito servia-se desta máxima: “*Esperar um pouco menos, amar um pouco mais*”. (In: Ferry, Luc, *ibidem*).

<sup>27</sup> Alves, Rubem, *ibidem*

<sup>28</sup> Soares, Magda Becker, in: *Incipit Vita Nova*, Brochura comemorativa dos 80 anos da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Setembro de 2007.

<sup>29</sup> Fernández-Armesto, Felipe (2004). *Então você pensa que é humano?* São Paulo: Companhia das Letras.

<sup>30</sup> Faiza Hayat: Na Birmânia, um dia. In: *Pública*, 30 Setembro 2007.

<sup>31</sup> Bracinha Vieira, António: *Somos todos escravos do Incaracterístico*. In: *Pública*, 18.11.2007.

<sup>32</sup> Sampaio, Daniel: *A barbárie* Alves, Rubem,